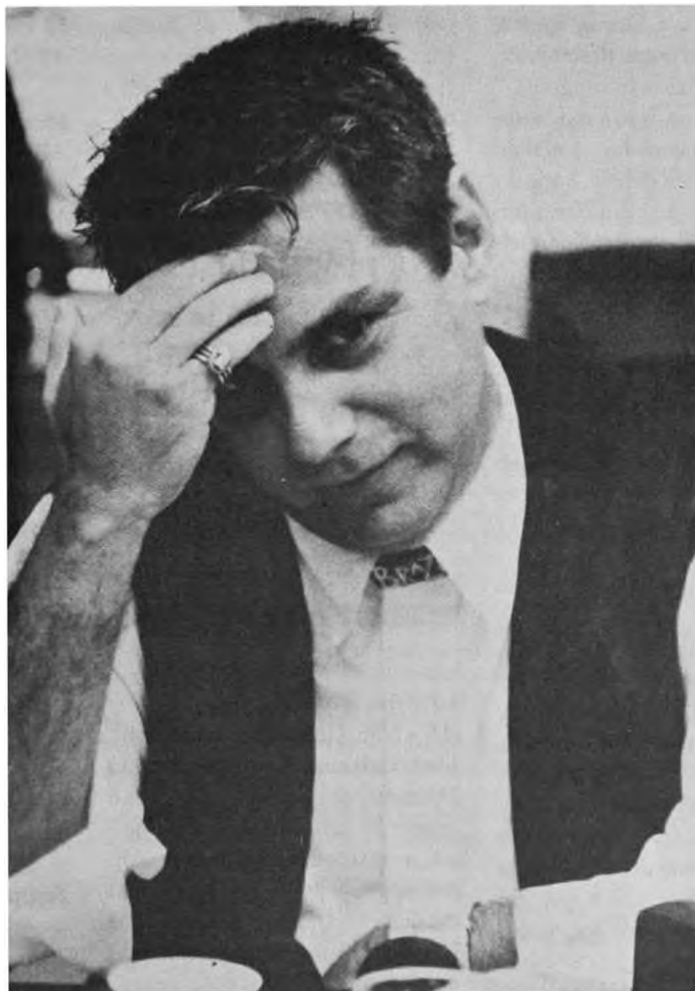


Lino arremata em grande estilo

Lino vestia camisa branca, colete e calça pretos - como de costume - e um broche escrito Brazil prendia no pescoço sua camisa.



Ao pé da letra, estilista é aquele que tem estilo próprio, definido. Um sinônimo: Antônio Marques dos Santos Neto, o Lino Villaventura, 41 anos - 28 criando moda. O rapaz tímido, que precisava vestir-se diferente para "impor respeito", é hoje dono de uma marca nada acanhada. Da frustração com o curso de Engenharia Civil até o sofisticado mundo da alta costura, foi apenas um salto. Um salto de sensibilidade, intuição, criatividade e um arsenal de materiais inusitados - tantos quantos ousar a imaginação do artista. Essa, aliás, é a tônica do seu trabalho.

Na mistura dos tipos, o retrato do paraense. Quando tinha vinte anos, veio com os pais para o Ceará. A bagagem trazia o desejo da independência. E na volta, fincou o pé. Ou melhor, as mãos. Para conseguir dinheiro começou a fazer roupa. O primeiro colete, aquele que criou e deu de presente para a namorada, ele nunca esqueceu. Mas era apenas o pontapé inicial. Não tardou e Lino ganhou da mídia o artístico sobrenome - tratava-se da vila onde morava. O primeiro nome, Lino, é apelido de infância. Caminho aberto para a fama, que vem trilhando em grande estilo.

Um estilo que não se define com palavras. Movido à emoção. "Se bater o olho e tiver emoção, eu gosto". Talvez por isso sua inspiração venha de tudo o que lhe toca a sensibilidade. Mesmo que seja um amontoado de câmeras de ar. Se a imaginação vem assim, imagina a criação. No desenho da roupa, até a "psicologia do botequim" vira mandamento: são horas de conversa antes do traço final. Sempre aliando o funcional ao belo. Por essas e por outras é que Lino vem recebendo o título de "wearable art" e inovando em oficinas e workshops.

Com essa originalidade, Lino conquistou as passarelas e revistas de todo o mundo. Paris, Nova Iorque, Tóquio, as mecas da moda, abriram as portas para esse autodidata que considera o seu trabalho tão bom quanto o de qualquer estilista do primeiro mundo. "Se você consegue fazer um trabalho aqui no Nordeste com qualidade,

você saindo daqui vai ser o melhor porque já sofreu muitas dificuldades".

Mesmo com reconhecimento internacional, Lino Villaventura continua com seu ateliê em Fortaleza e não pensa em se mudar. Ele acredita que somente aqui pode fazer um trabalho independente e inovador. "No primeiro mundo todos têm uma grande empresa, um conglomerado atrás para impulsionar a etiqueta, o trabalho pode ser bonito, mas de qualquer maneira comercial". No Ceará, segue seu papel de vanguarda. Ele acredita que seu trabalho é arte e tem uma função social a cumprir.

Casado desde 78 com Inês, aquela que ganhara o colete, hoje esposa e administradora - "Aí nós conseguimos dar uma organização nas coisas" -, sem filhos, moram em casas separadas. "Acho que todos deveriam seguir esse exemplo". Exemplo de quem preza a liberdade. Característica marcante na personalidade desse virginiano.

Nesta entrevista de uma hora e meia de duração, Lino Villaventura deu um show com sua concepção de comportamento sexual. Falou de mídia, moda quebrando preconceitos, criando conceitos, superstições, desejos. Enfim, por suas próprias palavras:

- Isso tá parando terapia grupal!

Entrevista com o estilista Lino Villaventura, dia 27/05/93

Produção: Gabriela Frota Reinaldo e Henrique Rocha

Abertura: Ana Cláudia Peres e Lidia Maropo

Redação, edição e texto final: Gabriela Frota Reinaldo

Participação: Adriana Albuquerque, Ana Cláudia Peres, André Barbosa, Fernando Serpa, Gabriela Frota Reinaldo, Henrique Rocha, Kalu Chaves, Lidia Marôpo, Lyciane Pires, Michelline Feitosa, Ricardo César Pinto, Silvia Helena e Sônia Vitorino

Foto: Jarbas Oliveira



Laboratório de Jornalismo(LJ)- Lino, como foi que tudo começou?

Lino Villaventura(LV) -Eu comecei como brincadeira, tipo assim: numa fase da minha vida. Quer dizer, eu sempre curti aquela coisa de afirmação, quando você tem necessidade de mostrar que você existe e que você tem uma necessidade também de quebrar certos conceitos. Você se pega a querer através de sua indumentária, que foi feita exatamente para isso, é uma forma... Porque a indumentária de guerra, o homem primitivo se vestia para guerrear, então é uma coisa para sedução, pra conquista, pra você... É uma forma de defesa pra você impor respeito. Você se fantasia de determinada maneira para inibir o seu adversário. Tem uma fase na vida da gente que eu senti muita necessidade disso, porque eu era muito tímido, então a minha forma de expressão maior era a maneira de me arrumar. Dentro do agressivo, mas dentro de certos limites até. E isso chamava a atenção e as pessoas curtiam e pediam, mas nunca pensei em me profissionalizar.

LJ-E como é que você se vestia?

LV- Ah! Na época era mais ou menos dentro de um certo conceito do que tava acontecendo na década de 70, mas de uma maneira muito particular. Eu tinha umas roupas extravagantes, tinha uma calça que era de cibrê bordado de preto. Eu me vestia muito de preto e na época não se vestia muito. Quer dizer, era uma coisa bem diferenciada.

“Eu sempre me achei capaz das coisas é um problema, assim. Eu meto na cabeça e digo: ‘Vamos, eu faço, vamos ver o que é que vai sair’.”

E quando eu comecei, eu vim morar aqui em Fortaleza com meus pais e eles tiveram necessidade de mudança, foram para o Rio de Janeiro e eu fiquei. E quando eu

fiquei, dispensei qualquer ajuda financeira do meu pai e tinha que me virar. E antes disso eu já estava fazendo alguma coisa porque eu tinha, num determinado ano, acho que em 74, já namorava com a Inês e eu tive que dar um presente para ela no dia dos namorados, alguma coisa assim e eu não tinha grana pra comprar o presente e a minha irmã deu a idéia de fazer um colete, fazer alguma coisa, algum trabalho. Então, “eu vou fazer”, porque eu sempre me achei capaz das coisas sabe?(risos)É um problema, assim. Eu meto na cabeça e digo: “vamos, eu faço, vamos ver o que é que vai sair”. E saiu um trabalho muito bonito que chamou atenção de todo mundo, e começaram a encomendar e eu disse: “Bom, é uma grana que eu vou ganhar”, e aí comecei a fazer. E fazia pra loja e vendia como importado e era assim uma coisa completamente artesanal, mas tinha uma sofisticação, eu comecei a ver que eu tinha um senso estético bem apurado de conseguir fazer com que a peça não ficasse simplesmente assim de um modismo, mas que ela se transformasse numa peça de uma maior importância. E foi o que aconteceu porque eu mesmo me assustei com o trabalho e comecei a desenvolver. Quando os meus pais foram para o Rio, eu fiquei aqui e comecei a fazer com mais... Como é que se diz?

LJ- Constância?

LV-Constância, justamente, pra poder ganhar mais dinheiro que eu tinha que me sustentar. Depois, eu abri uma loja. Não, aí eu casei com a Inês e nós conseguimos dar uma organização, porque ela é muito mais organizada que eu. Então, nós compramos máquinas, fomos nos organizando, fazendo roupas até mais comerciais que é pra contrabalançar, e abrimos uma loja na Avenida Santos Dumont. Depois abrimos uma loja, essa outra loja nós temos até hoje, foi em 83... Aí, fui fazendo, as pessoas foram tomando conhecimento, a etiqueta foi tomando um certo impulso, depois que abri essa outra loja, eu comecei a fazer uma difusão maior do trabalho através de anúncios em revistas. Eu participei de um des-

file no Rio, o primeiro desfile foi em 84, depois 85,86... daí comecei a fazer lançamento em São Paulo, duas vezes por ano. E fiz - só ano passado, depois de 84, foi o único ano que não fiz, porque o negócio tava meio mal, eu dei uma paradinha e diversifiquei mais roupas sob medida aqui em Fortaleza que é uma coisa garantida, porque tava muito difícil você vender roupa pra loja porque eles queriam em consignação e

“Eu não posso dizer pra vocês o que me inspira, essas coisas. O que me inspira é aquilo que eu sou sensível por ver, por registrar.”

eu não trabalho assim. Não tenho capital de giro para fazer roupa em consignação e investi nessas medidas, então me prendeu muito aqui. Então eu não fui pra São Paulo. Eu disse: “Eu não vou”. Mas esse ano eu vou, agora em Agosto. Vou fazer lançamento. É mais ou menos isso. Quer dizer, é uma coisa que não foi uma escolha, não foi uma coisa assim.” Vou ser isso, vou fazer o curso”. Aliás, as coisas na minha vida sempre aconteceram dessa maneira. É uma coisa muito espontânea, eu fazia faculdade, aqui também. Eu tentei Arquitetura, não passei. Três vezes que eu tentei o vestibular, fiquei fazendo Engenharia Civil, obviamente tive que abandonar correndo no terceiro ano porque eu era péssimo, não dava certo, eu tava com problemas no Cálculo I, que eu não passava. Aí, abandonei a faculdade, acho que em 79, 80, 79 eu acho.

LJ-O que é que te influencia no teu processo de criação?

LV-Eu não sei. Acho que as coisas que acontecem comigo. Eu não posso dizer pra vocês o que me inspira, essas coisas. O que me inspira é aquilo que eu sou sensível por ver, por registrar, pode ser qualquer coisa.

LJ - Você sabe não sabe o que é que lhe influencia, que lhe chama atenção?

LV-Não é que eu não saiba, eu sei

A entrevista foi marcada para as dezesseis horas, porque Lino estava gripado e não queria pegar o mormaço do começo da tarde.

Ao chegar, Lino fez questão de saber o nome de cada aluno que iria lhe entrevistar e nos cumprimentou com apertos de mão.

Em 1988, Dorrine Mignot, curadora do Stedelijk Museum (Holanda) adquire um vídeo sobre Lino e o incorpora ao arquivo do museu.



No dedo mindinho da mão direita, um anel de prata. No braço esquerdo, Lino usava um bracelete grosso em marfim com prata.

Lino tomou um copo de água mineral, se queixou da gripe, agitava muito as mãos, e sorria muito durante toda a entrevista toda.

Nos seus desfiles, ele é um verdadeiro faz-tudo. Atento e detalhista, Lino supervisiona a maquiagem das modelos ao cenário.

o que é que me influencia. Eu sei, eu não gosto é de canalizar. É muita coisa. Eu acho até meio prepotente eu chegar aqui e dizer: "Olha, me influencia isso, sabe? O movimento não sei das quantas" Não acho legal. Eu acho que o que me influencia é tudo que se passa pela minha frente. Porque é difícil também em determinar. Eu sei, eu tenho grandes surpresas, tem coisas que eu bato o olho e aquilo me dá uma enorme abertura pra qualquer outro trabalho, qualquer coisa. Eu acho, inclusive, que é canalizar para outras coisas. Eu gosto muito de mobiliário. Eu gosto até de escrever, eu pretendo um dia teorizar o meu trabalho. Quer dizer, são os planos, e eu não sei até que ponto vai dar certo. Mas um dia, as coisas vão acontecendo aos poucos.

“Então, você tem que desenvolver um trabalho bom. E isso vai de boca-a-boca. Propaganda boca-a-boca é o mais importante.”

LJ-Lino, como é que você definiria seu estilo?

LV-Não sei. Eu não gosto de definição, não. Acho que é emoção. Eu trabalho sob emoção. O meu trabalho, o parâmetro que eu tenho, o termômetro de qualidade é a emoção. Se bater o olho e vai ter emoção eu gosto.

LJ- O nome Lino Villaventura foi divulgado através do Lúcio Brasileiro (Colunista social do jornal O Povo, em Fortaleza). Você acha que se você tivesse ficado com Antônio Marques dos Santos, teria feito o mesmo sucesso? Faz alguma diferença para o artista, um nome de guerra?

LV-Você sabe que isso aí não é uma coisa que ele tenha divulgado, porque Lino é um apelido que eu tenho desde a infância. Mas tem essas coisas, principalmente quando eu era menino, eu li um livro e eu achei, na época, que tinha uma identificação porque eu

também sentia a mesma coisa, que era aquele "Menino do Dedo Verde". Não sei se alguém leu isso daí. O menino nascia com um nome. De repente, botavam outro nome que ninguém nem sabia. E depois essa história do Lúcio, foi uma história inclusive que me deixou muito chateado na época. É que eu sempre fui muito rebelde e eu achei que tava sendo manipulado, porque ninguém tinha me perguntado a minha opinião sobre isso. Como eu morava perto da Vila Ventura, uma outra vila que tem aqui pertinho, as pessoas falavam Lino da Vila Ventura. Viu um trabalho meu e colocou no jornal em grande destaque e ainda colocou na televisão (que ele tinha um programa). Tinha uma amiga minha que era minha cliente e que disse: "Lino, vê o programa do Lúcio que ele vai falar daquela roupa que você fez pra mim". Eu peguei e liguei a televisão...

LJ-Quem foi?

LV-Foi a Branca de Castro. Aí, quando eu vi, era o cara me batizando com o Lino Villaventura e ainda disse mais: "Você está batizado". E eu aqui... Aí, liguei para ela, mandei uma carta para ele. Mas não adiantou nada. mas é forte o nome.

“Você sabe que corpo é uma coisa muito interessante de trabalhar. Os teus conceitos os teus anseios, eles estão presentes no teu trabalho.”

LJ-Quer dizer, que te ajudou realmente?

LV-Eu não tive jeito. Eu não usava, mas as pessoas colocavam ele. Ajuda sim. Mas o que ajuda mais, eu acho, é trabalho. É um trabalho legal, sabe? Até a mídia pode fazer esse tipo de coisa, mas se você não tiver um trabalho consistente, passa, é passageiro. Então, você tem que desenvolver um trabalho bom. E isso vai de boca-a-boca. Propaganda boca-a-boca é o mais

importante. Se você vê um trabalho de quem quer que seja e aquele trabalho for maravilhoso, você vai ficar com aquilo na cabeça, vai passar para outro.

LJ-Lino, quando você vai fazer uma roupa sob encomenda, há uma conversa com o cliente. Isso lhe ajuda, inspira?

LV-Demais. É ótimo. Um desafio porque você conhece as pessoas. Eu adoro conversar. Eu gosto de trocar idéias. Então, às vezes, a cliente chega e eu começo a conversar e me torno superamigo e daqui a pouco ela tá falando problemas e fazendo confidências e eu usando aquela psicologia de botequim. Eu gosto (risos).

LJ-Lino, como é fazer moda num estado tão pobre como o nosso? Você tem consciência do valor social? Você já foi tocado diariamente por isso.

LV - Por isso que eu tô dizendo, eu não quero o meu trabalho restrito a um ateliê de costura. O meu trabalho eu quero uma dimensão bem maior.

LJ-É isso que tá faltando a você?

LV-Acho que com certeza. Isso sempre esteve presente no meu trabalho. Eu trabalho com pessoas que sofrem com isso. Eu mesmo sofro, imagina! Você sofre por morar em um estado e participar de um problema tão grave como é essa coisa de Brasil, de um problema político e certas injustiças terríveis que têm. E o que é que era mesmo?

LJ-O papel social da moda?

LV - Ah, sim, pois é. Eu sou tocado por isso. Nós trabalhamos muito em cima disso. Agora, eu acho que trabalhar no Ceará, num estado pobre, mas é bem gratificante porque você consegue estar muito presente e muito perto, justamente, desses problemas. Porque se eu tivesse morando em São Paulo, em São Paulo você vive um pouco mais superficial, você fica um pouco mais afastado. Então você cria uma certa fantasia no seu trabalho. E aqui não, você tá mais perto. Isso tudo te influencia e até sai no próprio trabalho. Você sabe que corpo é uma coisa muito interessante de trabalhar. Os teus conceitos, os teus anseios, eles estão presentes no teu trabalho. Até essas coisas de pauperismo,



essas coisas todas. Quem criou esse tipo de trabalho, com certeza foi influenciado por algum problema social que ele vivenciou. Tem probleminha aí, é quando você que seu trabalho chega quase a unanimidade. Você fica questionando se ele é... Porque sempre tem aquela coisa: "Toda unanimidade é burra".

"A moda é um trabalho muito importante, só que tem uma diferença de artes plásticas: ela precisa do corpo para fazer essa pontuação."

LJ- Mas Lino, só para acrescentar o que você tá falando. Você não acha que há contradição no seu trabalho? Você produz para uma elite.

LV- Mas aí eu não posso fazer nada. Eu não posso trabalhar pra que? Eu vou trabalhar para assistente social? Eu não posso.

LJ- Eu quero saber qual o valor social?

LV- Justamente é isso. É como um artista plástico. Você tem que acabar com o conceito de moda, de que moda é só roupa de vitrine. A moda é um trabalho muito importante, só que tem uma diferença de artes plásticas: ela precisa do corpo para fazer essa pontuação. Ele só se complementa no corpo como expressão. Essa é a diferença. Mas o meu trabalho é um trabalho como qualquer trabalho de artes plásticas. Se eu não posso comprar um quadro do Aldemir Martins, não posso. Você pode? Não pode. mas eu conheço o trabalho e ele, de qualquer maneira, me faz um bem qualquer. Eu tenho que tomar conhecimento. Eu posso até julgar: bom ou não. Mas ele tem ali o valor social dele. E qual é o valor social da obra de arte? Ela desperta algo em você. Ou ser intrigante de alguma maneira, ou então revolta, horror, raiva ou ódio dele. Você tem que despertar de alguma maneira, al-

guma reação à você, inovadora, né? Quando você vê um trabalho que não te passa absolutamente nada, esse trabalho não tem nenhuma importância. O valor social do meu trabalho é esse. Então eu acho que todo trabalho de quebra de conceito, de criar novos rumos, ele é um trabalho especial. Pode ter certeza.

LJ- Lino, eu até queria tocar nessa questão, mas antes eu queria saber um pouco mais da tua forma de trabalhar. Você trabalha com alguns materiais da terra dando um toque bem urbano. E seu trabalho é considerado regional. O que é este regional pra você?

LV- Eu não acho que ele seja regional, ele não é regional, ele tem raízes, é diferente. É um trabalho que tem raízes. Por exemplo, o problema de todo brasileiro é o complexo de terceiro mundo, todo mundo tem um complexo terrível, então tem a insegurança, a insegurança criativa, o brasileiro é supercriativo, que não tem segurança criativa é o povo realmente mais rudimentar não tem essa segurança. As pessoas que tem um certo nível intelectual no Brasil, eles têm a maior insegurança porque estão bombardeados de informação do primeiro

"Eu tô com um trabalho aqui no Ceará que eu levo para o Piauí, Japão, França, Nova York, ele vai estar inserido e inovador onde quer que esteja."

mundo, então eles ficam com problemas de saber se eles estão corretos. Assim, pôxa, se tão fazendo isso lá e eu quero fazer outra história aqui e muitas vezes você se pega... Isso acontece com todo mundo, acontece comigo, mas eu me revolto com essas coisas, tenho autocrítica e faço muita auto-análise na minha vida fiz muito disso, mas porque você se pega às vezes completamente influencia-

do por certas correntes, linguagem e tal, no maior quinas, não sei quê. Por isso eu deixo de ver revista, porque quando você tem sensibilidade você fica muito, muito, muitas vezes influenciado por coisas bobas, que não te dizem nada a respeito. Mas não quer dizer que o meu trabalho seja regional, eu detesto trabalho regional que seja aquela coisa radical. Não eu não sou artesanato, artesanato é maravilhoso, lindo, tá, tem toda uma tradição, de mãe pra filha, certo? Artesanato não tem necessidade de ser tão inovador, não precisa. Ele tem um trabalho consistente, um trabalho que me influencia muitas vezes, que eu posso utilizar muitas vezes também vai depender da abertura que ele vai me dar, porque o meu trabalho precisa. Mas o meu trabalho é absolutamente universal. Eu tô com um trabalho aqui no Ceará que eu levo para o Piauí, para o Japão, para a França, eu levo pra Nova York, ele vai estar inserido e inovador onde quer que ele esteja. Quando eu fiz desfile no Japão, não foi à toa que todo mundo levantou, ficou abismado com o nível do trabalho e os produtores de Nova York pediram e saiu uma notícia no Financial Times de Nova York, notícia sobre o meu trabalho, ninguém sai nesse jornal.

LJ- Mesmo com toda a produção lá fora não tem vontade nenhuma de sair do Ceará?

LV- Não, pra que eu ir lá pra fora, pra que?

LJ- Mas você uma vez falou que adorava cidade grande...

LV- Eu adoro cidade grande, mas eu vou trabalhar de assistente de alguém. Não, meu trabalho vai perder consistência, isso foi me dito uma vez pela Marie Rucky (do Instituto Berçot de Paris) Eu estava lá na França e conversando com ela sobre isso, dizendo que eu tinha necessidade de ampliar a aceitação do meu trabalho e torná-lo mais conhecido, esse tipo de coisa. E ela me disse uma coisa muito importante: "Você está louco, você tem uma função social no seu lugar, você está abrindo as cabeças, você só vai sair dali quando o seu trabalho estiver realmente todo completo. Você está sentindo o trabalho completo? Não está, você

Do norte, carrega consigo além de lembranças da infância e inspiração nos tons em terra, o sotaque: chama lindo de "lhindo"

Em 85 foi convidado para participar do desfile de moda na entrega do prêmio Multimoda-85, com o tema "Influência do cinema na moda".

Sua casa é um verdadeiro museu de arte moderna. Não há um só espaço vazio, tudo é cuidadosamente preenchido a seu gosto.



No escritório de seu ateliê, uma imagem de Santa Edwignes convive em perfeita harmonia entre várias obras de arte moderna.

Não gostando muito de badalações. Prefere receber seus amigos em sua própria casa. E, segundo eles, é um exemplar anfitrião.

Antônio, quando criança, era calado, introvertido e não saía da sala de aula na hora do recreio. Bem diferente do Lino de hoje.

tem muita coisa a fazer lá. Aqui você passaria a ser um assistente, você poderia até ter um dia um grande sucesso, podia, você podia fazer um grande sucesso, mas pra fazer um grande sucesso, com um financista atrás de você de qualquer maneira guiando o teu rumo, entendeu?" Porque todos têm que trabalhar em cima disso, ter uma grande empresa, né? Um conglomerado atrás pra impulsionar a etiqueta, você fica até fazendo o seu gênero, o trabalho pode até ser um trabalho bonito, mas de qualquer maneira, comercial, tem que fazer, por isso que você abre revista de coleção francesa e é super sem graça. Quem tá fazendo alguma coisa são os japoneses, pesquisa de material novo. Mas mesmo a questão da forma já não é grande coisa, entendeu? Então tem isso. Então pra que eu vou sair hoje em dia, eu tenho vontade de sair, pessoal, inclusive, sabe?

“Quando eu tenho o meu trabalho na minha frente eu não tenho nenhum problema de timidez. Eu sempre achei que o meu trabalho era melhor de que o de qualquer pessoa.”

LJ- Lino, você chegou a enfrentar algum preconceito pelo fato de você ser nordesta e trabalhar no Nordeste, de aceitação do seu trabalho?

LV- Não, não, não sei. Acho que não, nunca notei, mas eu acho que porque eu não me deixo, vamos assim dizer, intimidar por esse tipo de coisa. Por exemplo, quando eu vou a algum lugar, ou quando estou em algum lugar, quando eu fiz os meus primeiros trabalhos, eu nunca me intimidei. Porque eu sou tímido, mas com trabalho eu não sou. Quando eu tenho o meu trabalho na minha frente eu não tenho nenhum problema de timidez, então eu sempre achei que o meu trabalho era melhor de que o de qualquer pessoa que tava ali, então

eu sempre coloquei um pouco de ...Eu impus respeito com o meu trabalho, eu tomei minha própria postura também, então eu nunca sofri. Chegam às vezes a fazer, a tecer certos comentários, como se eu não morasse aqui, então eu dou sempre um corte. Porque eles talvez sintam. Porque além do brasileiro tem esse complexo de terceiro mundo e o nordestino tem aquela certa humildade. Então você tem que se impor, não você ser pretencioso ao exagero, mas tem que ter um pouco de pretensão.

LJ- Você acha que o seu trabalho não deixa nada a dever para os grandes estilistas?

LV- Só deixa a dever numa coisa - É a única coisa que eles têm, claro - que é o potencial de trabalho. Você vê, a estrutura toda, uma infra-estrutura montada, incentivo de governo, essas coisas todas que eles trabalham em cima disso, né? Financeiramente eles têm todos os poderes possíveis, mas eu acho que da maneira que eu faço e com os materiais que eu utilizo e com a mão-de-obra que eu utilizo... Aliás não sou só eu, não, quem faz qualquer coisa desse trabalho é fantástico. É o máximo, em qualquer lugar do mundo você vai ser o melhor, você pode tá certo. Porque se você consegue fazer um trabalho aqui no Nordeste com qualidade, um trabalho bom, você saindo daqui, você vai ser o melhor. Por quê? Porque você viu uma base de trabalho e já sofreu tantas dificuldades que existem com os escândalos que você presencia diariamente, quando você sai daqui. Hoje em dia preconceito de terceiro mundo tá no mundo todo, né?

“Eu gosto de ficar sem fazer nada mesmo. Eu só trabalho mesmo ali, por obrigação na hora que eu tenho que trabalhar.”

LJ- Você fala bem entusiasmado do trabalho, parece que gosta do que faz, e de coisas novas. E por isso é que você tá passando

a desenhar coisas novas, é em busca de novidade?

LV- Não é porque eu gosto muito, eu gosto de trabalhar.

LJ- É um passatempo só?

LV- Passatempo? eu não suporto passatempo (risos). Eu não gosto de passatempo, eu trabalho muito, eu sou uma pessoa que não passa o tempo desenhando, mas: "ah, eu vou criar". Não. Eu gosto de ficar sem fazer nada mesmo. eu só trabalho mesmo ali, por obrigação na hora que eu tenho que trabalhar.

LJ- Você aprecia o ócio?

LV- Ah, demais, adoro, gostaria de ser herdeiro e ficar só... Trabalhar quando tivesse vontade, mas eu trabalho meio assim, sabe... Tem que ser agora, daí eu faço.

“Você vê grupos que protestam através de maneira de vestir. E isso eles tão quebrando certos conceitos, certos preconceitos, isso é bom.”

LJ- Como é o teu ócio, é nada, nada?

LV- É, hoje em dia é. Até um amigo disse assim: "Lino teu som tá quebrado". Ah, porque meu som tá quebrado vou ter que fazer alguma coisa? Agora não, eu comecei a ler de novo, passei uma época terrível, não conseguia ler. Depois eu descobri que tava com um problema de vista, eu tinha que usar óculos. Ai agora com óculos já leio, daí o óculos me agonia, eu ponho e tal, mas como eu tô fazendo esse trabalho que necessita disciplina... E a falta de leitura, pra você ver a importância que tem, você começa a deixar de ler, você fica inseguro se você vai falar errado...

LJ- E o que é que você lê?

LV- Eu leio tudo que passa pela frente, eu gosto de ler. Hoje em dia menos, mas antigamente eu lia tudo.

LJ- Qual foi o último livro que

você leu?

LV- Olha, eu li, quer dizer, eu não terminei, "Juliano" faltou assim poucas páginas. O outro do Foucault eu não terminei, da até a biografia do Foucault tá lá, tá marcado, eu tô lendo esse, tô lendo aos poucos sabe? Mas como é um livro autobiográfico, - mas é muito filosófico -, não tem problema, você não perde o fio da meada, cada pedaço você tem que descansar um pouquinho. E tô lendo também muito esses artigos do Flávio de Carvalho, que são muitos, durante o ano todo, que é muito interessante, é muito curioso, é a primeira vez que eu leio sobre teoria, essas coisas e que me interessa e que eu curta, que é gostoso de ler, chega até a ser engraçado. Ele diz certas coisas, certas particularidades, até de costumes egípcios e faz um estudo antropológico de moda que é uma coisa absurda, a função da cauda das roupas na Era Napoleônica, com a falta de cauda que o homem tem. Quando o homem perdeu a cauda ele ficou inseguro. Então toda vez, toda época de terror, de insegurança, põe cauda nas mulheres, põe manto nos homens pra ir à luta porque eles vão se sentir mais seguros. É uma coisa engraçada e tem tudo a ver, o pior é isso.

LJ- Lino, agora com essa coisa dessa crise de valores na pós-modernidade, você acha que isso tá muito refletido na roupa que as pessoas estão vestindo?

LV- Como é Gabriela, eu nem prestei atenção, desculpe.

LJ- Você tava falando nesse negócio do homem com cauda, sem cauda... A roupa do homem de hoje, vivendo nessa perda de valores, no caos da pós-modernidade, o que é que ela quer dizer...

LV- É o homem sem cauda (risos). Não, hoje em dia é o produto da massificação.

LJ- Há uma descartabilidade da roupa, é isso?

LV- É tudo isso. Você vê que esse caos todo, mas você nota uma coisa de interessante de hoje em dia, você vê grupos que protestam através da maneira de vestir, né? E isso eles tão quebrando certos conceitos, certos preconceitos, isso

é bom. Então você vê que tem essa linguagem. Obviamente com muita influência do que tá acontecendo por aí através dessas informações que têm, que vê a revista e ficam ali, não é, não sei que, então eles fazem aquela linguagem, mas de qualquer maneira é benéfico realmente porque cria uma amplitude, uma nova maneira de ver a indumentária. Por exemplo, através de uma roupa você conhece um pouco a personalidade de uma pessoa, um pouco não, às vezes até muito, dependendo dela, da forma como ela exterioriza, né? Se você muitas vezes for fazer uma reflexão dentro de você mesmo e ver como você gostaria de ser, você muitas vezes pode chegar à conclusão de que não era nada disso que você é, seria de outra maneira. Mas como hoje em dia

“Eu acho que a criação tá indo muito bem porque tem esses grupos que se formaram no curso de estilismo, e fizeram um trabalho de pesquisa super bonito.”

nós temos essa massificação que é feito de novo pelos nossos meios de comunicação, né? Nós somos bombardeados, nós somos massacrados e não é só no costume de vestir não, é no costume de se alimentar, o que é que se alimenta basicamente hoje em dia, sai a propaganda do guaraná Antarctica com pizza, todo mundo sai correndo pra comer pizza com guaraná, né? As pessoas hoje em dia se sentem na obrigação de acompanhar um fluxo.

LJ- Lino, uma das coisas que mais caracteriza seu trabalho e o torna único e diferente, é a utilização de materiais inusitados para a feitura de roupas. Quais os materiais que você utiliza nas suas criações?

LV- Eu utilizo hoje em dia... Eu não tenho nenhum preconceito com nenhum material, eu uso até plástico.

LJ- Qual a importância desse

uso?

LV- É super importante. Justamente, foi a necessidade... Muitas vezes você não tem certas coisas, aí não tem, o que é que eu vou colocar aqui? Aí eu comecei a utilizar barbante, eu utilizo desde que eu comecei, desde aquele coletinho lá... É uma forma de baratear que dá um grande efeito, que de repente é uma coisa muito... A utilização, que ele fica de uma maneira fantástica na roupa. E eu uso o barbante com renda francesa, jogo em cima de qualquer coisa, eu misturo tudo. Quando eu viajo eu trago e misturo com esse tipo de coisa: é com escama de peixe desidratada, pele de peixe, flor de côco, essas coisas todas, flor de côco com pedra dentro.

LJ- Como é que você analisa a situação da moda em Fortaleza, que é o segundo pólo de moda? Como é que tá a criatividade, como é que tá a criação?

LV- Eu acho que tá indo muito bem porque tem esses grupos que se formaram no curso de estilismo, e fizeram um trabalho de pesquisa super bonito. Eu tinha visto um trabalho deles, fui ver um seminário que houve na Fiec (Federação das Indústrias do Estado do Ceará) e eles fizeram um trabalho impressionante. Teve uma menina que fez com folha de castanhola, fez um trabalho que ficou parecido com couro, e outros fizeram com vela, e eu achei importante isso, sabe? É importante ter essa abertura. E muitas vezes não é nem questão do trabalho estar completo. Às vezes tá até meio incompleto mas o importante é a abertura de novos rumos, que eu quero dar e tá indo legal. Porque isso aí depois vão digerir e vai sair um trabalho mais funcional, ou então, conseguir fazer com que se torne mais

“O que é que é a imprensa de moda no Brasil? É um fiasco, é horrível, é péssima, com raras exceções, raríssimas exceções.”

prático, se torne uma coisa usável, não é? Não sei até que ponto uma



Tinta automotiva, escama de peixe desidratado, couro de pé de galinha, são alguns dos materiais que Lino usa em suas criações.

Totalmente autodidata, Lino começa a estudar teoria da moda para ajudá-lo nas oficinas e workshops que está desenvolvendo.

A tv francesa FR3 fez um documentário sobre Lino, exibido posteriormente na Inglaterra, Holanda, França, Japão e Bélgica.



Desde 1985, Lino cria cabeças em materiais diversos, usando formas de planejamento e disposição visual que privilegia o volume.

Segundo seus amigos, Lino é uma pessoa muito cativante e consegue, com seu talento e humor, ser o centro das atenções, onde estiver.

Em 1970, em Belém, desenha o figurino de um bloco carnavalesco vencedor do primeiro lugar no clube "Assembléia Paraense".

folha de castanhola pode ser usável. Talvez uma resina em cima ou através de certos detalhes, bolsas, sapatos, não sei. Pode ser uma coisa alternativa porque fica idêntico um couro, e couro está cada vez mais impraticável.

LJ - Você participou da última Feira da Moda?

LV - Da Feira da Moda? Participei.

LJ - O Manoel Holanda disse que o pessoal que vinha de São Paulo pra cá estava alegando que somente o charme do Governador, principalmente, estava trazendo esse pessoal. Você concorda com isso?

LV - Eu acho que sim, também. Mas eu acho que eles vêm muito para passar umas férias aqui, os convidados. Porque o que eu falo sempre e contesto sempre com eles é porque eles trazem um grande número de pessoas, obviamente se você é jornalista no Rio e São Paulo, eles te mandam passagem, hospedagem num hotel cinco estrelas e tudo na mordomia, você não vem? Vem. Obviamente que você vem e vai adorar. Por quê? Porque vão te levar pra praia, você vai comer caranguejo não sei aonde, vai jantar na casa do Manoel, depois sai não sei pra onde, faz um passeio maravilhoso. Agora, material pra eles levarem tem? Não tem. Eles vão ver o que? Vão ver uma feira, uma feira que não tem uma sintonização e produto. É tudo muito misturado. Se o jornalista cair num lugar que tenha mais ou menos, ele ainda vai e interessar por alguma coisa, mas se ele de repente não tiver isso, ele vai, vê uma banana, chega lá escreve uma notinha: "Aconteceu o festival tá-nã-nã...", isso interessa? Não interessa.

LJ - Quer dizer que você considera esses jornalistas de moda muito oba-oba?

LV - A maioria sim! Muito, mas muito. do oba-oba sim, você tem que cobrar deles. Tem pessoas seríssimas no jornalismo de moda mas você vê que, o que é que é a imprensa de moda no Brasil? É um fiasco, é horrível, é péssima, com raras exceções, raríssimas exceções. O grande problema da indústria de moda brasileira, moda como indumentária, é a imprensa. A imprensa é péssima. A imprensa

influencia mal e cria inverso de valores, terrível, sabe? E incentiva a cópia, sabe? É muito, muito, muito ruim, é comprometida, é comprometida apenas com o dinheiro. Eu falo isso e eu até tenho abertura, eu tenho abertura com a imprensa, mas eu tenho abertura com a imprensa porque eu faço um trabalho muito diferenciado e que muitas vezes eles são obrigados a noticiar.

“O homossexualismo e essas coisas do bissexualismo é uma coisa que tá cada vez mais difundida, cada vez tem mais liberdade para se ser o que você é.”

LJ - Lino, você faz essa avaliação das revistas de moda que correm no Brasil?

LV - Faço sim. Faço e faço diretamente a eles mesmo e digo. E nesse evento Modos da Moda que houve em São Paulo agora, que eu fui um dos palestrantes, eu falei justamente sobre isso. Criou até uma certa celeuma, uma certa revolta de todos lá. Mas eu provei pra eles que existem exceções, claro que existem.

LJ - Lino, você acha que a imprensa, não só a de moda, mas em geral, reforça estereótipos dos profissionais de moda?

LJ - Eu queria só completar aqui... E o estereótipo de homossexual que os estilistas têm?

LV - Eu não me preocupo com isso, não. Acho que deve ter alguma razão de ser, né? Porque a maioria realmente é homossexual. Você vê por exemplo como a maioria do pessoal que trabalha com teatro é muito liberado, muitas vezes não são homossexuais mas são bissexuais, com mulheres. Você vê, a história do homem está aí pra provar isso, quanto mais você se esclarece, mais caem conceitos na tua cabeça, mais você fica aberto a essas novas experiências. Eu acho que é isso, você não

tem obrigação nenhuma de ser ou não ser, porque você é isso, porque você é aquilo, não. Você é o que você é na tua vida. Não importa que você seja, costureiro, cabeleireiro, bancário, industrial, você é o que é. Agora, o que acontece é que muita gente se reprime totalmente, né? Cria um novo personagem pra si mesmo e o que ele é mesmo fica dentro de casa, entre quatro paredes ou então nas ruas escuras da vida (risos), não sei... Mas eu acho esse negócio do estereótipo, eu acho que tem uma certa razão de ser, sim. Tem! Porque o homossexualismo e essas coisas do bissexualismo é uma coisa que tá cada vez mais difundida, cada vez tem mais liberdade pra se ser o que você é. Antigamente era tudo muito por trás dos panos, hoje em dia as pessoas estão conseguindo, e mesmo assim sofrendo muitos preconceitos, assumir uma postura. Vocês viram a entrevista daquela Camile Paglia, vocês viram, na Bruna Lombardi? Ela é louquíssima, você não consegue... Você tem que diminuir todinho e ficar só na legenda, porque ela fala feito uma louca. Então ela quebra todos esses tabus, hetero... Ela já inverte até a situação: "Fui lésbica durante um tempo na minha vida e vi que isso era uma grande armadilha porque tavam me cobrando ser lésbica, porque eu só podia ser lésbica, achavam que eu só podia ser lésbica, mas não sou só lésbica, comecei agora a olhar os homens de outra maneira e deu vontade de transar com homens, mas eu gosto mesmo é de mulher". Quer

“Filme pornô é maravilhoso. Eu adoro filme pornô, eu gosto de assistir, assisto na maior. Não tenho vergonha de dizer, pego na locadora.”

dizer, ela faz uma confusão que no fundo você não fica..., fica sem saber. Quer dizer, esse é um produto, eu acho, do terceiro milênio, entendeu? Acho que a visão da



Lino nasceu no dia 04 de setembro de 1961 em Belém do Pará, cidade que viveu até os 20 anos quando veio para Fortaleza.

pessoa vai ser mais ou menos por aí, você não vai ser nem homossexual, nem bissexual, não vai ser nada, você vai ser aberto a todas as experiências que pintarem e que você tiver vontade de fazer, certo? Você também não deve se sentir obrigado a ser homossexual ou tentar a experiência homossexual na tua vida se você não tá a fim de tê-la. Só porque a imprensa está tendo uma abertura muito grande nessa quebra de tabus.. Ou “Eu vou ser moderninho, eu vou ser homossexual, vou transar com aquele meu melhor amigo”, que é isso?! Você faz o que você tiver a fim, né? Ai ela diz também uma coisa muito engraçada, ela diz: “Eu assisto filme pornô, adoro, porque eu sou autosuficiente há três anos, não transo com ninguém, não quero ninguém, porque sexo é horrível. É ridículo se apaixonar, é uma coisa horrível. Você se apaixona e fica completamente à mercê de outra pessoa, você é escrava, você é isso, você é aquilo”. E ela tem razão também de dizer isso, e outra também porque filme pornô é maravilhoso. Eu adoro filme pornô, eu gosto de assistir, assisto na maior. Não tenho vergonha de dizer, pego na locadora, pego quantos tiver vontade, chego lá de novo: “Esses três”, pego de três, pego de quatro, levo pra casa e assisto numa boa, não tenho nenhum problema de dizer isso. Essa coisa é que falta no ser humano, é se assumir verdadeiramente como você é mesmo, “Eu sou assim, eu gosto”, “Gosta disso?”, “Gosto”

E aí? O que é que vão fazer comigo? Ah, ganho meu dinheiro, sou independente, moro sozinho - porque eu e Inês estamos morando em casas separadas, em total liberdade -, pronto, é isso que tem que ser na vida da gente.

LJ - Você acha que isso tem alguma coisa a ver com a arte? de se assumir mais?

LV - Eu não sei se com a arte, mas com o esclarecimento da tua cabeça. Essa abertura acho que você dá pra você mesmo. Cada um sabe até que ponto você pode ir, até que ponto você pode se jogar na tua vida. Cada um tem essa... Tem que ter essa dimensão, você tem que ter esse autoconhecimento,

saber o que é bom pra você, porque é isso que eu falei logo no início, o problema de todos nós é que às vezes, você não sabe até que ponto é você mesmo. Eu sou assim, eu sou cheio de dúvidas na minha cabeça, não sei se isso que eu tô dizendo aqui, também se eu tô dizendo..., sabe? Vocês sabem naquele momento mas amanhã

“Passamos 20 anos juntos e estamos morando separados e estou achando maravilhoso. Estamos unidíssimos, não temos compromissos sexuais, eu com ela, ela comigo.”

vocês já têm dúvida daquilo que você disse, né? Ai de repente eu tô... Mas é isso que você tem que depois pegar tudo isso e saber realmente assuas vontades, as suas concepções, os seus interesses, quais são realmente, o que vai lhe fazer bem, te deixa feliz, deixa alegre e que faz você sorrir, é uma maravilha.

LJ-Lino, você e a Inês ainda estão casados, morando separados?

LV-Estamos casados.

LJ-Como é essa história?

LV- Ótima, maravilhosa. Nós chegamos numa boa a essa solução. Passamos 20 anos juntos e estamos morando separados e estou achando maravilhoso. Estamos unidíssimos, não temos compromissos sexuais, sabe? Eu com ela, ela comigo. Não temos esse compromisso. Mas somos superunidos e estamos com a liberdade de ficar juntos inclusive, entendeu? Quando a gente quer, e estamos sempre juntos, o pior é isso. Trabalhando juntos, inclusive.

LJ-Por que vocês estão morando em casas separadas agora?

LV-Porque foi a melhor solução que nós encontramos. Porque nós trabalhamos 24 horas, 25 horas por dia. Nós somos muito apegados, muito apegados. Não saíamos um sem o outro e tal. Depois começamos a sentir

necessidade de sair um pouco sozinhos, não é possível, sabe? Essas coisas naturais, porque de repente se vocês se pegarem assim “pôxa, mas foi tão bonito, foram 10 anos tão unidos, não vamos deixar se acabar agora”. Não é se acabar, é passar pra outra fase, é bem uma evolução da relação. Eu penso assim. Então, nós começamos a ficar um pouco, nós tivemos necessidade de ficar um pouco separados um do outro, pra cada um ter suas próprias experiências também, conhecer pessoas, ter amigos diferentes, e de comentar depois, porque não tinha nem mais o que comentar, a gente sabia tudo...Dizer assim:”olha, eu fiz isso, aquilo, vi aquele filme, encontrei tal pessoa...” Não tinha mais essa oportunidade, viajávamos juntos e tudo. Começamos a viajar separados, e tal. Depois chegamos à conclusão que o bom era viver separado, viver com liberdade mesmo. Estamos separados, mas somos casados. Saimos casados, vamos pros lugares ou compromissos sociais, vamos juntos. Mas não é um casamento de compromissos sociais, entendeu? Não é isso. Isso é ridículo, não tem nada a ver. É: “vamos ficar juntos quando nós quisermos realmente estar juntos”.E o pior é que nós estamos sempre juntos, estamos saindo juntos...

“Então isso tudo eu acredito que seja Deus em cima de tudo. É uma energia muito forte, a junção de todas as energias, tão forte isso...”

LJ-Pior ou melhor?

LV-Pra mim é Ótimo, a melhor coisa. Todos deviam seguir esse exemplo.

LJ-Faz quanto tempo, Lino?

LV-Um ano, faz um ano agora. É Ótimo. Ai ela vai jantar lá em casa, eu vou jantar na casa dela. A gente faz comidinha sempre diferente, fica no telefone à noite conversando. É Ótimo, um namorinho. Namoro com liberdade.

Lino trabalha com técnicas como: patchwork de tecido transparente, tapeçaria em retalhos, peles falsas de tecido desfiado, etc.

Terminada a entrevista, ele comentou que não gostava do ambiente universitário. Mas que isto não havia mudado sua disposição.



Mesmo com o insucesso no vestibular, o seu lado de arquiteto não foi totalmente esquecido. Villaventura também projeta móveis.

O vestido da noiva Inês, Lino não só viu antes do casamento, como o criou. Era uma túnica negra de um ombro só e camadas de musselina.

LJ - *E a vontade de ter filhos? Não teve?*

LV - Teve, agora nós tivemos um problema. Não pintou filho. No início, logo que nós casamos, a Inês perdeu. E ela devia ter algum problema, devia ter alguma complicação que ela nunca teve coragem de fazer tratamento, porque ela tinha um história de dizer que ela ia morrer de parto. Ela dizia "vou morrer de parto, vou morrer de parto". E eu nunca insisti pra ela ter filho. E também nunca me passou pela cabeça esse negócio de filho, eu tenho a impressão que eu não vou ser um bom pai. Eu sou possessivo, eu sou... Sabe? Eu gosto de influenciar as pessoas, eu gosto de ficar dominando, sabe? Eu sou meio...

LJ - *Nesse negócio de achar que vai morrer de parto, Inês parece muito mística, né? E você é uma pessoa mística?*

LV - Sou muito, mas não tenho nenhuma..., não sigo nenhuma religião, não tenho dogmas, essas coisas, não acredito nisso não. Eu sou místico à minha maneira. Eu sou místico mas eu não sigo certas normas pra isso também. Eu acredito, eu rezo, eu peço: "Por favor, me ajude, pelo amor de Deus, baixe um espírito", qualquer coisa... Porque eu acredito que para mim, o meu deus é uma junção de todas as energias, nós fazemos parte disso, sabe? Natureza, universo, tudo. Então eu acho que tem uma coisa que rege, que se você for pensar como é que existe por exemplo televisão? Capta uma imagem não sei aonde e traz pra você, porque as coisas ficam muito registradas através da energia, máquina fotográfica, essas coisas todas existem. As pessoas se tornam eternas pelo trabalho que

fazem. Beethoven está aí até hoje, está tudo acontecendo aí em torno dessas pessoas que fazem esses trabalhos, que simplesmente são gigantescos. Então isso tudo eu acredito que seja Deus em cima de tudo. É uma energia muito forte, a junção de todas as energias, tão forte isso... O poder da mente da gente. Poder de uma pessoa que te odeia. Poder de uma pessoa que gosta de você. Eu

“Se essa santa (Edwignes) veio pra cá é porque vai acontecer alguma coisa, aí rezei e apareceu todo tipo de cobrador, gente no meu pé, fiscal na loja multando...”

acredito nisso, eu tenho por exemplo, eu ganhei outro dia de uma amiga minha, não sei porque, mas eu acredito que ela sentiu alguma coisa passada, uma crise meio braba, ela me deu uma Santa Edwignes. Eu tenho no meu escritório. Não sou uma pessoa de ter santos do meu lado, não sou extremado, mas como ela me deu aquilo, de uma maneira muito espontânea: ela chegou, e medeu o presente e disse que eu rezasse pra Santa Edwignes, eu rezo pra ela todo dia, tranquilo. Tem a santinha lá no meu escritório quando a santinha chegou no meu escritório eu naquele dia assim brabíssimo: "Santinha, pelo amor de Deus..." É ela que vai me ajudar, se essa santa veio pra cá é porque vai acontecer alguma coisa, aí rezei e tal.. Menina, apareceu todo tipo de cobrador, gente no

meu pé, fiscal na loja multando... Eu peguei a santinha, quis quebrar a santa. A Inês tomou a santa da minha mão e botou lá no escritório dela. Aí depois eu fiquei pensando: "Menina, não vou quebrar a santa não, sei lá né? Depois fica pior". Aí melhorou, aí eu disse: "Então a santinha fica aí." E ela tá lá até hoje, quase um ano.

LJ - *Lino, você disse que há artistas que se eternizam através do seu trabalho. Você acredita que sua obra vai se tornar imortal?*

LV - Eu, tomara que sim, não sei. Não sei, também não sou tão pretensioso a isso, ficar pensando se ele vai ser eterno, não. Eu tenho consciência, até de onde eu posso chegar, quer dizer, nem sempre a gente tem, né? Muita gente, por exemplo, tenho certeza que Paul Gauguin tinha consciência de que o trabalho dele era maravilhoso mas ele não sabia até que ponto ele iria ser canonizado, porque a pessoa é canonizada depois que morre. Mas eu não sei não.

LJ - *Mas você não se reconhece assim um marco na história do estilismo no Ceará?*

LV - Mas sabe onde é que eu vivo? Eu vivo sabe aonde? Brasil. Guarda-se memória de alguma coisa? Nenhuma! Imagina. Morre, acabou-se mesmo, aí vai ficar o que? Um país sem memória, imagine, a pessoa vai...

LJ - *Isso não te inquieta, não?*

LV - Não, também não, isso não. Eu não tô me preocupando depois se eu morrer...

LJ - *Não, não, com o seu trabalho...*

LV - Eu adoro ser elogiado com vida: "Ah, pode dar prêmio a ele, chamar de maravilhoso." Eu gosto. Isso tá parecendo uma terapia grupal. Só eu mesmo...